

Felgueiras

Mosteiro de Pombeiro



Rezar e trabalhar desde antes de existir Portugal

“Ora et labora” (reza e trabalha), o lema beneditino, ajuda a compreender o que vemos quando avistamos, ao longe, o mosteiro de Santa Maria de Pombeiro. A máxima é uma síntese, bem posterior à Regra de S. Bento, esta nascida no século VI, em cujo capítulo 48 se lê: “A ociosidade é inimiga da alma; por isso, em certas horas devem ocupar-se os irmãos com o trabalho manual, e em outras horas com a leitura espiritual”. E aí se explica a escolha do local: zonas baixas e férteis, com fartura de água, dadas tanto à contemplação como ao labor agrícola, são a norma não escrita que presidiu à instalação de cenóbios beneditinos. Este foi ali estabelecido no século XI (data de 1099 a primeira referência documental a Pombeiro conhecida), embora as referências mais antigas a esta comunidade, antes noutro local, sejam apontadas a meados do século IX.



Das primeiras campanhas construtivas, a partir do século XI, pouco resta. Foi depois de, em 1112, o mosteiro ter recebido carta de couto da condessa portugalense D. Teresa, mãe do primeiro rei português, e apoio dos Sousões de Ribavizela, uma família dessa aristocracia local a que associamos a génese do país, que arancou o projeto românico, eventualmente de Gonçalo de Sousa (o nome surge numa inscrição de 1199, no exterior do transepto), bastante ocultado por intervenções posteriores, sobretudo nos séculos XVII e XVIII. O mais nítido elemento românico pode ser apreciado mal se chega ao local e se olha com atenção a fachada, em que começam por impor a sua presença as duas torres sineiras maneiristas, encimadas por coruchéus (iniciadas no século XVI): o portal com as suas cinco arquivoltas assentes em capitéis lavrados, poupado pelo avanço do muro entre as torres, que manteve a rosácea original (posterior ao portal, dando já sinais de passagem para o gótico – presume-se que do início do século XIII) e criou nichos em que foram co-





locadas imagens da Virgem, a quem a igreja foi consagrada, e de São Bento de Núrsia e Santa Escolástica, patronos da ordem beneditina.

A par das condições do terreno, a localização justificou-se, também, por estar junto à interseção de duas das principais vias medievais na região: uma que ligava o Porto a Trás-os-Montes, passando por Amarante, outra que ia da Beira a Guimarães e Braga (o Rio Douro era atravessado a partir de Porto de Rei, hoje no concelho de Resende). Essa circunstância contribuiu para o engrandecimento do mosteiro, que tanto alojava monarcas de passagem como dava assistência a peregrinos. Pombeiro tornou-se uma das mais poderosas



Na fachada, a Idade Média mostra-se no portal românico e na rosácea, já de transição para o gótico. O interior da igreja é eminentemente barroco.

instituições do Entre Douro e Minho, e assim continuou, recebendo na Época Moderna muitas das alterações que dominam o aspeto atual. Além da fachada, a que já aludimos, temos de referir as grandes modificações que o século XVIII deu ao interior, muito além de toda a talha rococó dourada, de grande impacto: a capela-mor (totalmente reconstruída por volta de 1770), o coro alto ou o órgão de tubos. No retábulo principal, devemos destacar a imagem de Santa Maria, orago do mosteiro, que, apesar dos muitos retoques em períodos posteriores, é gótica, talvez de finais do século XIV (atente-se nas feições quase adultas do Menino, ao colo da Mãe, mas como se estivesse sentado num trono).

Já no século XIX (1816-1819) iniciou-se a construção de um renovado claustro (o anterior desapareceu), no qual sobressai a linguagem neoclássica. Está claramente inacabado, pois, em 1834, a extinção das ordens religiosas levou ao fim da instituição. Daí decorreu a decadência do monumento, a que várias campanhas de restauro têm posto cobro.





Ala neoclássica do claustro, que, com a extinção das ordens religiosas (1834), não foi concluído.



Estrela maior numa constelação românica

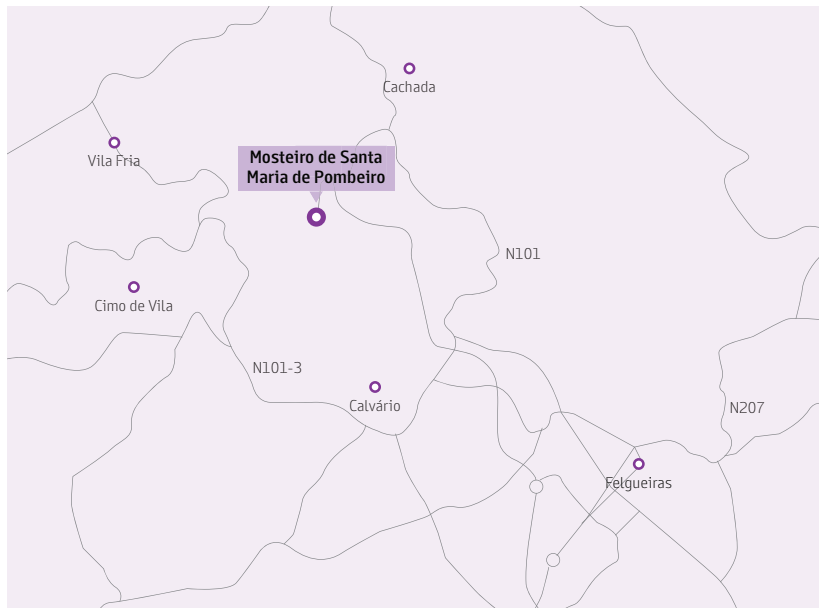
Monumento Nacional desde junho de 1910, o mosteiro de Santa Maria de Pombeiro integra, desde 1998, a Rota do Românico, fazendo também parte, por isso, da Transromanica, Grande Itinerário Cultural do Conselho da Europa. Nascida da iniciativa da Associação de Municípios do Vale do Sousa e, depois, alargada a outros concelhos (são 12, no total), a Rota do Românico congrega 58 monumentos marcados pelo estilo arquitetónico que imperou entre os séculos XI e XIV, além de dois centros de interpretação, em Lousada e em Penafiel. Além de cumprir objetivos de promoção turística, incrementando as visitas aos bens patrimoniais em causa e melhorando a experiência, através de informação séria e acessível, este projeto de sucesso na gestão patrimonial aposta, ainda, no envolvimento das populações locais e na identificação destas com os monumentos, tornando-se, por isso, um importante fator de dinamização da economia regional.











→ Mosteiro de Pombeiro

Monastery of Pombeiro



COFINANCIAMENTO



PROMOTOR



CO-PROMOTORES

